

Inventar a língua, inventar o país. Poesia e novas sensibilidades no Brasil de 22

Amanda Nakata Mirage*

Rir diante de um poema. O que está por trás desse fenômeno? Como um texto é capaz de suscitar emoções e sensações em quem o lê? Estas indagações, pedra de toque de nossa atual pesquisa nos campos da linguística e da semiótica, nos levam a examinar a relação entre as línguas e o sentir - no caso de nosso estudo, enfocamos a estesia, e, em particular, o efeito de humor. Observe-se um fato relevante para essa reflexão: seja a partir da escolha de palavras, seja a partir da maneira de ordená-las e combiná-las, em um texto, favorece-se a esse texto ser engraçado ou não (por exemplo, uma piada), ou, de forma ampla, sensibilizar desta ou daquela maneira o seu leitor, (evidentemente, é necessário con-

siderar o contexto e o leitor em cada caso em que o texto é apreendido). Isso quer dizer que determinadas formas de organizar as palavras em um discurso são suscetíveis de produzir certos efeitos de sentido e sensações em quem os lê, que outras formas de organização textual não são suscetíveis de gerar. Aprofundando, ainda, a reflexão, eis um exercício antropológico útil: o fato de encontrarmos, em diferentes línguas e culturas, inúmeros nomes para emoções que não apresentam necessariamente, em nossa língua, nem palavras “equivalentes” – traduções -, nem mesmo formas aproximadas de nominá-las, aponta a significativa relação entre a língua e o sentir nas diferentes culturas^[1]. Tais constatações nos conduzem ao seguinte raciocínio: não apenas (i) as línguas participam da edificação de formas do pensamento e de visões de mundo nas diferentes culturas – proposição já consolidada na linguística moderna^[2] – mas, ainda, (ii) as línguas estão associadas à construção das formas do sentir.

É sob a perspectiva apresentada – a da relação entre a língua e o sentir – que direcionamos nosso olhar para as vanguardas modernas. Compreendemos que os novos métodos compositivos e as novas formas experimentados nos diversos domínios das artes, pelo modernismo, significou um cataclismo nas formas de ver e de sentir o mundo; isso quer dizer que a experiência modernista forjou a construção de novas sensibilidades – assim como, dialeticamente, por elas foi forjada. No Brasil, Oswald de Andrade atuou nesse sentido de maneira notável; diríamos que Oswald, ao inventar, em sua poesia, novíssimas formas, e novos conteúdos, de fato, inventou um país. Dos diversos traços que constroem sua dicção tão peculiar, aqui caberá destacar apenas um deles - o humor. Este aspecto, assim como a inventividade em sua poesia, a nosso ver, provém de uma postura de despreendimento diante da realidade tal como ela se apresenta que pode ser comparada à disposição de uma criança diante



Capa do catálogo da exposição da Semana de Arte Moderna

[1] Para mais, cf. Le Breton, Antropologia das emoções. Petrópolis: Vozes, 2019.

[2] “Não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua.” (Saussure, 2006, p.130).

[3] Professor titular em Teoria da História pela USP e pesquisador na área da história cultural do humor.

do mundo, “[em Oswald] há uma ingenuidade assumida, que coexiste, sem paradoxo, com a consciência crítica [...]” (Campos, in: Andrade, 2003, P.55, colchetes nossos). Aproximamos uma reflexão a respeito dos criadores de humor, feita por Saliba^[3], à atitude de Oswald de Andrade em sua poesia, qual seja: essa “entranhada incapacidade de tomar a realidade como ponto pacífico” (Saliba, 2017, p. 31), a disposição de olhar para as coisas “como se fossem uma adivinha” (idem, ibidem, p. 31)^[4]. Com efeito, diz o Manifesto da Poesia Pau Brasil: “Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. Ver com olhos livres.” (Andrade, 1990, p. 44).

Na segunda metade do século XX, é possível identificar as proposições modernistas – marcadamente, a intervenção oswaldiana - reverberarem, ainda, vigorosamente, em diferentes domínios da arte no Brasil; de modo que, pode-se dizer, o movimento “iniciado em 1922” não acabou em 1922^[5]. Manifestações disso constituem, por exemplo, a tropicália, a poesia concreta e a poesia marginal. Da denominada “geração marginal”, onda que marcou a poesia brasileira a partir dos anos 1970, destacamos a obra de Chacal. Assim como em Oswald, no poeta “marginal”, a língua é experienciada tal como se brinca com um brinquedo. O humor, nesses dois autores, relaciona-se à proposição de ângulos de visada inéditos; convoca o leitor a adentrar lugares inesperados com seu pensamento e sua sensibilidade; expressa irreverência, ou seja, uma não reverência a certezas e a formas fixadas pelo hábito ou pela tradição, tanto relativas à língua e à literatura, como a valores ligados a seus respectivos contextos histórico-sociais.

Diante das obras destes autores, reconhece-se que a poesia, também ela, indaga a realidade tal como esta fosse uma “adivinha”, e que, através de seus experimentos e proposições, é suscetível de desvelar potencialidades humanas. “Aprendi com meu filho de dez anos/ Que poesia é a descoberta/ Das coisas que nunca vi” (Andrade, 2017, p. 57). Se admitimos que novas formas exploradas na língua são capazes de engendrar novas experiências sensíveis, então, reconhecemos que a língua contribui, concretamente, para a construção de novas sensibilidades, e, portanto, de “novos homens”. Poesia de invenção – também aí se inventa um país.



Capa do livro Pau Brasil, de Oswald de Andrade, 1925.

Bibliografia:

- ANDRADE, Oswald de. Manifesto da Poesia Pau Brasil. In: ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo; Secretaria de Estado da Cultura. 1990.
- ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CAMPOS, Haroldo de. Uma poética da radicalidade. In: ANDRADE, Oswald de. *Pau Brasil*. 2 ed. São Paulo: Globo, 2003. (Obras completas de Oswald de Andrade)
- COELHO, Frederico. *A semana sem fim: celebrações e memória da semana de arte moderna de 1992*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2012
- SALIBA, Elias T. *História cultural do humor: Balanço provisório e perspectivas de pesquisas*. Rev. Hist. (São Paulo), n.176, a01017, p.1-39. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2017.127332>>. Acesso em: 22 nov. 2020.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

* Amanda Nakata Mirage (amanda.mirage@usp.br) é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (FFLCH-USP). Vencedora do Prêmio Vídeo de Pós-graduação da USP CICLO 22.

[Clique aqui para assistir o vídeo.](#)

[4] Segundo Saliba, muitos autores sugerem a associação entre a atitude mental dos humoristas e a das crianças (Saliba, 2017, passim).

[5] Diz o poeta Waly Salomão, em 1992, sobre a Semana: “vive porque não se esgotou, vive porque não existiu completamente” (apud. Coelho, 2012, p.139).